



ANÁLISE COMPARATIVA DO DISCURSO DA CRÍTICA CINEMATOGRAFICA NA FALA E ESCRITA DA REVISTA VEJA

Gustavo Ferreira da Silva*
Elva Fabiane Matos do Valle**
Regina Gomes***

RESUMO: *O objetivo do presente trabalho é analisar o discurso em duas disposições: o escrito publicado na revista Veja sobre o filme *Trovão Tropical* (2008) e o discurso da mesma autora e do mesmo filme em vídeo postado na internet. Em certas ocasiões o discurso aparece com sentidos aparentemente contraditórios, em outras há relações e traços bastante comuns. O choque de diferenças se constitui, em princípio, por uma mudança de espaço: revista e internet chamada de variação diamésica. Para a consecução do artigo foi estabelecido um modelo estabelecido pelo GRACC (Grupo de Pesquisa em Análise de Crítica de Cinema) que se apóia nas obras de Chaim Parelaman e David Bordwell para avaliar as técnicas argumentativas; para a análise sobre a estilística dos críticos foi consultada a obra de Daniel Piza e, a identificação das variações lingüísticas teve como base a obra de Marcos Bagno. A partir da avaliação dos dois discursos é possível concluir que, apesar das duas críticas em apreciação possuírem a mesma autoria, e fazerem alusão ao mesmo objeto, são encontradas particularidades em cada discurso que permite estabelecer que o discurso falado tem uma maior aproximação com o público, que o escrito.*

Palavras-chave: Discurso; Fala e escrita; Crítica de cinema.

INTRODUÇÃO

O filme *Trovão Tropical* (*Tropical Thunder*, 2008) dirigido, estrelado e produzido por Ben Stiller ganhou vários destaques incomuns, não era esperado que esta comédia fosse selecionada para concorrer ao *Oscar*, *Globo de Ouro* e o *Bafta* – principais premiações de filmes no mundo –, já que o grupo seletor que indica filmes para as competições de premiações, normalmente não dá ênfase e credibilidade a filmes de comédia, especialmente os que satirizam outros longas-metragens, Hollywood e seus atores. A indicação a tantos prêmios gerou uma repercussão bastante positiva para *Trovão Tropical*. O filme é considerado um *blockbuster*, pois ultrapassou a barreira de 100 milhões de espectadores.

A revista semanal *Veja* teve sua primeira publicação em 1968 pela Editora Abril. Trata-se de uma revista de variedade e que conta com diversas sessões tais como: economia, música política, cinema, saúde e muitas outras. De acordo com a tabela encontrada no site da Editora Abril é possível notar que a revista *Veja* é a mais lida e vendida, com base nos números do

* Estudante de Comunicação Social (Publicidade e Propaganda) pela Universidade Católica do Salvador (UCSAl), bolsista de Iniciação Científica da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB), e membro do Grupo de Pesquisa em Análise de Crítica de Cinema (GRACC). E-mail: gustfs@gmail.com. Autor.

** Bacharel em Comunicação Social (Publicidade e Propaganda) pela Universidade Católica do Salvador (UCSAl), e membro do Grupo de Pesquisa em Análise de Crítica de Cinema (GRACC). E-mail: elvabr@gmail.com. Autor.

*** Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade Nova de Lisboa, professora do curso de Comunicação Social da UCSal. E-mail: reginagomesbr@yahoo.com.br. Orientadora



Índice Verificador de Circulação (IVC)¹, a média por edição da revista em 2008 é de 925.308 assinantes e 148.288 de vendas avulsas, totalizando a média de mais de um milhão de leitores semanalmente. Segundo a enciclopédia eletrônica Wikipédia², ela é a quarta revista mais vendida do mundo, perdendo apenas para a *Time*, *Newsweek* e *US News & World Report*, todas americanas.

ERA INTERNET

Além de sua versão impressa, a *Veja* disponibiliza, também, o conteúdo da revista na internet. As edições podem ser acessadas pelo público em geral, exceto as duas últimas edições, que só podem ser acessadas pelos assinantes. A *Veja* disponibiliza seu acervo para consultas a partir do ano de 1997.

Atualmente a revista traz uma nova proposta e é possível conferir não só os textos, como vídeos e áudio no site da revista. Os colunistas têm um espaço também na internet e dentre os colunistas mais famosos Diogo Mainardi possui seus comentários em *podcast* – publicação de conteúdo na web, com a possibilidade de visualização sem a necessidade de fazer o *download* do arquivo, nos formatos de áudio, vídeo, foto, entre outros. Semanalmente é possível escutar as crônicas e comentários do articulista na internet, com áudios que normalmente duram entre 2 a 3 minutos.

Antes era só possível ler a crítica ou conferir o *trailer* no site da *Veja*, agora é possível toda semana ver a união destes dois nos *podcasts* gravados no formato de vídeo e publicados pela autora Isabela Boscov. Ela é a editora responsável pela área de cinema da *Veja*, jornalista formada pela USP, com passagens pelo *Jornal da Tarde*, *Folha de São Paulo* e na revista *SET*. Semanalmente são postados um ou dois vídeos da jornalista comentando algum dos filmes publicados na revista. É importante destacar que nem todos filmes que são publicados na revista ganham a versão de *podcast*.

AS CRÍTICAS

A opinião de Isabela Boscov é disposta em dois meios diferentes, ou seja, na revista impressa e no vídeo postado na *internet*. Os dois possuem linguagens distintas e nossa proposta é traçar um paralelo entre essas duas disposições, verificando como os discursos foram elaborados, e através da sua organização e argumentação, definir o que exerceu influência na construção de cada discurso.

Com o título “Humor com autocrítica”, o texto conta com uma página inteira e uma grande imagem ilustrativa e traz como subtítulo uma breve sinopse e julgamento: “No delicioso e licencioso *Trovão Tropical*, um grupo de astros mimados é largado na selva – mas não percebe que saiu da ficção e entrou na realidade”. O vídeo, que está disponível também no site popular *youtube*, não possui título e é composto de quatro minutos e trinta e seis segundos, apresenta a autora de críticas em primeiro plano, comentando e mostrando trechos do filme, como um trailer comentado.

¹ Disponível em: http://publicidade.abril.com.br/geral_circulacao_revista.php, acessado em 18 de maio de 2009.

² Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/veja>, acessado em 20 de maio de 2009.



Analisando a organização do texto crítico, como os elementos são postos para o leitor, a resenha publicada na revista pode ser dividida em três partes básicas: a primeira em que a autora situa o público sobre o ator-diretor-roteirista do filme, Ben Stiller, falando sobre o mundo em que ele vive (mundo hollywoodiano). A segunda parte, faz uma sinopse do filme, descrevendo os personagens. E na parte final, traz fatos e curiosidades, é também o momento em que divulga o seu veredicto.

Nessa primeira parte, descreve sobre Ben Stiller atribuindo o *ethos*³, ao ator e diretor, que tem coragem de tentar produzir filmes:

Stiller é íntimo também da presunção, da petulância e das armadilhas que o sucesso pode engendrar. Se não enxergasse além do próprio umbigo, talvez ele tivesse transformado essas inseguranças em material para lamúria. Mas, pelo jeito, Stiller preserva algum senso de proporção sobre o mundo autocentrado em que vive. E, sem tentar se eximir desses pecadilhos, aplica-os aqui em uma comédia tão licenciosa quanto radiante (BOSCOV 2008, p. 160).

O vídeo pode ser dividido também em três momentos, o primeiro situando o público sobre Ben Stiller dando informações sobre o primeiro filme que ele dirigiu, o segundo quando há a descrição da obra analisada em questão (sinopse e personagens), e por fim, traz o julgamento do filme e também o que a autora considerou a melhor parte da obra.

O início das duas críticas abraça caminhos diferentes, na revista temos a procura de um tema aparentemente mais sério, isso vai provocar o interesse do leitor e justificar o título do texto, que é a autocrítica realizada, numa metalinguagem fílmica – um filme satirizando o próprio ato de fazer um filme. Na internet, talvez num intento de despertar o interesse do internauta, a autora apresenta um filme do mesmo diretor que considerou *Cult*, palavra cada vez mais difundida para abarcar conteúdos (filmes, música, livros) de arte que despertam o interesse de um grupo mais seleta, se diferenciando do popular.

O VALOR

O veredicto do crítico sobre a obra analisada está fundamentado num juízo de valor, e pode ser positivo quando favorável, negativo quando não o agradou, e misto quando o conceito estiver dividido entre positivo e negativo. Ambas as críticas acenaram para atribuição de valor positiva à *Trovão Tropical*, e os motivos se aproximam nas duas, contudo não são iguais.

Na primeira, a impressa, a película é uma “comédia tão licenciosa quanto radiante” e “Stiller acertou mais alvos do que planejava”, porém essas sentenças são bastante superficiais ao filme, pois Boscov não justifica sua apreciação, sobretudo no que diz respeito aos aspectos técnicos/estéticos da obra. O que encanta a jornalista é o lado satírico-crítico que o filme retrata, apontando para o superficial mundo dos astros hollywoodianos. Para ela, o diretor não teve pudor, e fez um trabalho sem medo de arriscar ao falar e parodiar esse mundo hollywoodiano tão egocêntrico e presunçoso.

³ Segundo David Bordwell (1995, p. 54) as provas éticas sevem para criar um modelo atrativo que garante as opiniões do crítico.



Já no vídeo, Boscov é mais hiperbólica atribuindo adjetivos ao filme: “uma bobagem em que vários momentos é maravilhosa, absolutamente deliciosa” (BOSCOV, 2008) e diferentemente da crítica escrita, relata que o melhor momento do longa-metragem são os trailers exibidos no início de *Trovão Tropical*. Entretanto, diante de tantos aspectos positivos, há uma breve alusão a um ponto negativo; o roteiro, que para a jornalista, não conseguiu ser sustentado por boas piadas do início ao fim, fato que ocorre bastante nas comédias, mas mesmo assim, recomenda o longa-metragem:

Não tem nada mais difícil do que escrever comédia e lógico esse é o problema que afeta também *Trovão Tropical*, é que é muito difícil você concentrar muitas piadas boas, muitas sacadas boas num mesmo filme. Principalmente um filme feito pra eles se divertirem acima de tudo. De qualquer forma, vale a pena (BOSCOV, 2008).

Como dito anteriormente, foi observada a mesma valoração dada ao filme nos dois discursos, apesar de apresentarem razões e adjetivações distintas. Temos uma avaliação baseada apenas no conteúdo da obra no texto escrito, e uma avaliação mais enfática – graças aos adjetivos empregados –, mas da mesma forma ausente ao se tratar de aspectos mais técnicos.

OS ARGUMENTOS

A caracterização dos argumentos formadores do discurso demarca a análise realizada, esses quando utilizados fazem parte da estratégia de persuasão. Para, primeiramente, prender a atenção do leitor, e também convencê-lo, o crítico traça um caminho em seu texto com a utilização de técnicas argumentativas.

Uma das técnicas bastante utilizadas por críticos é aquela que traz o leitor para dentro da cena. No segundo trecho da crítica impressa, Isabela Boscov utiliza o recurso da ilustração⁴, que faz com que o leitor imagine a cena através das descrições bem detalhadas de alguns momentos da obra:

Trovão Tropical começa com um punhado de trailers que apresentam os protagonistas da história: o rapper Alpa Chino (Brandon T. Jackson), que promove uma bebida energética batizada *Booty Sweat*, de tradução impúblicável; Jeff Portnoy (Jack Black), que faz todos os personagens de uma franquia cômica sobre uma família obesa e vítima de flatulência grave; Kirk Lazarus (Robert Downey Jr.), australiano ganhador de cinco Oscar, que é visto como um monge gay apaixonado pelo noviço Tobey Maguire no trailer do drama *O Beco de Satã*, título de insinuação perfeitamente intencional; e Tugg Speedman (Stiller), um astro de ação que cinco vezes seguidas salvou o planeta do superaquecimento com uma metralhadora numa mão e um bebê na outra (BOSCOV, 2008, p. 160).

Já no vídeo, na ocasião em que Boscov fala sobre cenas do filme, trechos dele são mostrados:

⁴ Perelman (1999, p. 121): “Enquanto que a realidade do exemplo deve ser incontestada, a ilustração deve impressionar sobretudo a imaginação”.



Os astros são os seguintes: tem um rapper que se chama Al Pacino, tem o Jack Black que faz uma série de comédias sobre uma família obesa com problemas de flatulências, claro! Tem o Ben Stiller que é um herói de ação de uma série de filmes absurdos e todos eles a rotação da terra pára, e a terra superaquece, daí ele vai salvar o planeta com uma M-16 num braço e um bebê no outro (BOSCOV, 2008).

Os comentários da autora nos dois discursos são próximos, não só pelas referências parecidas, mas também na escolha de palavras similares. Se isolarmos a transcrição do vídeo, retirando as imagens passadas simultaneamente, encontramos também o argumento da ilustração. Esse recurso utilizado na resenha promove no leitor a imaginação da cena descrita, ou como afirma Perelman (1999, p.121) serve para dar “uma certa presença na consciência”.

Isolando novamente o texto das imagens do vídeo, temos mais de um argumento localizado. Além da ilustração, encontramos também a utilização da comparação⁵: “É uma bobagem, e uma bobagem em que vários momentos é maravilhosa, absolutamente deliciosa também como Zoolander”. A comparação é um argumento muito utilizado, devido ao seu grande poder de persuasão, colocar em paralelo duas obras cinematográficas auxilia na confirmação de que o que é dito é “verdadeiro” ou como expõe Perelman (1999, p. 94) o recurso a este argumento “visa menos informar do que impressionar”.

Este argumento de comparação também é encontrado no texto, no momento em que a autora fala sobre a atuação de Robert Downey Jr. “que, como em *Homem de Ferro*, deita e rola com mais esta chance de ressurreição profissional”.

Percebe-se o uso de outro argumento no texto, quando a autora descreve sobre o personagem Lazarus: “não é coincidência se você achar que cê tá vendo uma paródia de Russel Crow, que é um ator super-método” (BOSCOV, 2008), temos o argumento da analogia⁶, este recurso coloca frente a frente semelhanças entre duas relações, que no caso unem os dois atores.

NOTAS DESTOANTES ENTRE AS CRÍTICAS

É bastante perceptível diferenças na linguagem da autora nesses dois veículos, na sua fala e na postura. Temos uma Isabela Boscov mais solta e próxima ao público no vídeo, como se estivesse conversando com quem assiste, percebemos vícios de linguagem e termos como “cê”, que nunca encontraríamos em um dos seus textos escritos na revista. Repetições seguidas da mesma palavra “eu não sabia que ele sabia todos esses palavrões”, e adjetivos mais exagerados do que o seu habitual - “é maravilhosa, absolutamente deliciosa”.

Na revista, vemos uma linguagem e postura mais distante, o texto escrito em terceira pessoa já é a primeira barreira, não vemos a autora se referindo ao leitor com “você” ou com qualquer outra expressão. É muito adjetivado também, mas traz informações que não são faladas no vídeo.

⁵ Perelman (apud CUNHA, 2007): “A comparação como argumento põe em confronto realidades diferentes para avaliar umas em relação às outras”.

⁶ Estabelece uma relação de similitude entre duas relações que unem duas entidades



Na fala, a depender da situação e do auditório, permite-se interromper frases, repetir palavras ou informações, reforçar trechos, alterar o ritmo a entonação para dar mais ou menos ênfase, usar gestos em determinados momentos, provocar no ouvinte reações diferentes com isso, ou seja, “a língua falada é contextualizada e se vale de recursos de natureza linguística e situacional” (PRETI, 1999, p. 233). Temos no texto escrito mais atenção na sua elaboração, cuidado com a organização e disposição das palavras evitando cometer erros gramaticais, até mesmo, quando o escritor tenta se aproximar da linguagem da fala.

No caso da crítica publicada na revista acontece algo bastante curioso, Boscov escreve: “(...) a participação de Tom Cruise, talvez o mais controlador superastro de Hollywood, no papel de um chefe de estúdio que vomita torrentes de obscenidades, vem causando choque”. E no vídeo a jornalista prefere ocultar o nome do ator presente no filme:

O que mais vale à pena, eu não vou entregar, é: tem um astro, um super-astro, uma das pessoas mais travadas, mais controladoras do cinema americano, fazendo bem disfarçado, mas reconhecível o papel de um chefe de estúdio, um homem gordo, virulento, vulgar, e que fala torrentes de baixarias cada vez que ele abre a boca. O poder de choque que essa pessoa falando essas coisas, não acaba até o final do filme. Até a última cena você ainda tá assim: eu não sabia que ele sabia todos esses palavrões (BOSCOV, 2008).

Optar por despertar a curiosidade no vídeo e não no texto é intrigante. Identificar o real motivo é fácil, e não pode ser definitivo. Requer mais tempo do indivíduo ler um texto a ver um vídeo de quatro minutos, e isso pode dá uma idéia de necessidade de maior descrição narrativa: “(...) do telespectador, gera-se uma expectativa de linguagem, tendo em conta a programação sintonizada” (SODRÉ, 2004, p.56), o mesmo se repete com o público que lê a revista ou que acessa ao vídeo, ambos têm expectativas em relação ao conteúdo e como ele está disposto nesses meios. Quem lê a crítica tem uma expectativa e interesse maior por detalhes e informações, e quem assiste ao vídeo espera encontrar por curiosidades e informações sobre bastidores, além disso, o meio *internet* dispõe da capacidade de multimídia - ele pode ver comentários unidos a trechos do filme.

O final das duas críticas é bastante distinto. Temos, no texto escrito, uma conclusão que remete ao julgamento da jornalista sobre filme, em um resumo conclusivo, no qual retoma o que foi dito anteriormente. Já no vídeo, a última frase é sobre o personagem que mais surpreendeu no filme: “Até a última cena você ainda tá assim: eu não sabia que ele sabia todos esses palavrões”, não existe a retomada de assuntos abordados anteriormente para concluir, tem-se a impressão que é um final de texto sem de fato possuir uma conclusão.

CONCLUSÃO

Entre as diferentes ocorrências encontradas nos dois discursos, o motivo principal está nos meios de veiculação, e com isso a posição ocupada por Isabela Boscov em cada um deles. Uma das variações da linguagem estudadas pelos lingüísticas é a variação diamésica: “[é a variação] que se verifica na comparação entre a língua falada e a língua escrita” (BAGNO, 2007, p. 46). É perceptível uma maior preocupação com a escrita, e menor com a fala. As diferenças profundas que são observadas nas duas linguagens vêm, principalmente, do fato de que no texto escrito pode haver a formulação prévia do mesmo, optar por uma ou outra organização e escolha



de palavras, já na fala, não temos o poder de voltar atrás, reformular o que foi dito. Então, no caso estudado, temos um texto falado com diversas repetições, adjetivos hiperbólicos, linguagem coloquial, e com a presença da figura de linguagem *anacoluto*⁷, interrupções nas frases, que dão a entender a existência de erros, e/ou mudanças de pensamento. No texto escrito, não localizamos erros gramaticais, repetições, a linguagem é mais formal, e não há a interrupção de frases para mudança de idéias. A língua falada é mais contextualizada e despreocupada, a escrita é mais preocupada com regras gramaticais.

A aproximação da autora tanto no texto como no vídeo, com o público se dá também através da função fática. Segundo Muniz Sodré, ao falar sobre o apresentador de programas televisivos, a função de contato é essencial à expressão do vídeo, na medida em que se propõe “a sustentar a comunicação entre falante e ouvinte” (SODRÉ, 2004, p.57). No texto, recursos gráficos, lexicais e sintáticos servem como facilitadores da leitura, como foi visto anteriormente.

A descontração observada no vídeo é característica de apresentadores televisivos, Boscov se mostra simpática, em uma conversa íntima, estabelecendo contato com quem está do outro lado, assistindo⁸. Fica ainda mais descontraída ao falar no vídeo, é praticamente uma conversa com quem está assistindo.

O afastamento da escrita é promovido pelo texto mais impessoal, que requereu mais tempo de planejamento e construção, mesmo sendo perceptível uma tentativa de aproximação, o texto informativo não consegue o mesmo efeito que o vídeo.

O argumento ilustração tem em sua essência o objetivo de promover no leitor a imaginação da cena através da descrição detalhada da mesma. Contudo, ao ser mostrada as imagens do filme no momento em que a jornalista fala, perde-se a necessidade do espectador imaginar aquilo. Isso, em si, não significa que a ilustração com as imagens⁹ em movimento deixa de ser um argumento forte, neste caso a imaginação da cena específica não foi provocada, mas a emoção¹⁰ que foi gerada é resultado de um programa de efeitos para influenciar o espectador e impressioná-lo sobre a cena descrita e exibida. Em ambos os casos, suscitam no público a curiosidade de ver ou não o filme no cinema.

E por fim, a variação percebida na linguagem nos dois meios, de mais formalidade e afastamento ou mais informalidade e aproximação, é chamada de variação estilístico-pragmática pelo lingüista Marcos Bagno, que a define como: “situações diferentes de interação social, marcadas pelo grau de maior ou menor formalidade do ambiente e de intimidade entre os

⁷ Segundo a Wikipédia (disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Anacoluto>, acessado em 23 de maio de 2009): “Anacoluto, ou frase quebrada, é uma figura de linguagem que, segundo a retórica clássica, consiste numa irregularidade gramatical na estrutura de uma frase, como se começássemos uma frase e houvesse uma mudança de rumo no pensamento - por exemplo, através do desrespeito das regras de concordância verbal ou da sintaxe”.

⁸ Muniz Sodré (2004, p. 61) afirma que “a interpelação direta efetuada pelo apresentador é o elemento fático mais visível da televiso. A familiaridade instaurada por seu rosto, em atitude de conversa íntima, de bate-papo, naturaliza a apresentação do mundo pelas imagens e estabelece o *contato* com o telespectador.

⁹ Segundo Ferreira, Prior e Bogalheiro (2007, p.1): “No momento em que a ilustração dessas realidades é fornecida pela imagem, poupa-se o esforço da imaginação do espectador que é confrontado com representações já construídas que constroem, substantivamente, o seu alcance de representação”.

¹⁰ Segundo Ferreira, Prior e Bogalheiro (2007, p.3): “a tradição retórica nem sempre privilegiou esta dimensão imagética, frequentemente associada à persuasão como mero exercício das emoções”.



interlocutores, e podem inclusive ser pronunciados pelo mesmo indivíduo em situações de interação diferentes” (BAGNO, 2007, p.40).

A internet dá a possibilidade de uma interação maior, e maior abertura para que a crítica se sinta mais confortável ao dizer a sua opinião. Por isso, encontramos no vídeo um discurso mais opinativo¹¹, já no texto encontramos um mais informativo o que nos leva a concluir que o plano de convencimento foi menor no discurso escrito informativo e bem maior no discurso opinativo videográfico quando a comentarista/columnista defendeu suas posições acerca do filme de forma mais livre e direta, aproximando-se das estruturas persuasivas.

REFERÊNCIAS

BAGNO, M. **Nada Na Língua E Por Acaso: Por Uma Pedagogia Da Variação Lingüística**, São Paulo: Parábola, 2007.

BORDWELL, David. **El significado del filme: inferencia y retórica en la interpretación cinematográfica**. Barcelona: Paidós, 1995.

BOSCOV, I. **Humor com autocrítica**. Revista Veja. São Paulo, 2008. Edição 2035, p. 160.

CUNHA, T. C. **A nova retórica de Perelman**. 1998. Disponível em <<http://www.bocc.ubi.pt>> Acesso em: 12 de jul. de 2007.

FERREIRA, I., PRIOR, H., BOGALHEIRO, M. **Em defesa de uma Retórica da Imagem**. 2007. Disponível em <http://www.rhetorike.ubi.pt/00/pdf/ferreira-prior-bogalheiro-em_defesa_de_uma_retorica_da_imagem.pdf>. Acesso em 4 de maio de 2009.

PERELMAN, C. **O Império Retórico**. Lisboa: Asa Editores, 1999.

PIZA, D. **Contraclichê. Jornalismo cultural**. São Paulo: Editora Contexto, 2004.

PUBLI Abril divulga tabela geral de circulação. Disponível em <http://publicidade.abril.com.br/geral_circulacao_revista.php>. Acesso em 18 de maio de 2009.

SODRÉ, M. **O Monopólio da Fala**, Petrópolis: Vozes, 2004.

VEJA. Apresenta a coluna de Isabela Boscov com vídeos. Disponível em <http://veja.abril.com.br/isabela_boscov/trovaio_tropical.shtml>. Acesso em 15 de abril de 2009.

WIKIPÉDIA. A enciclopédia livre. Disponível em <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Anacoluto>>. Acesso em 23 de maio de 2009.

¹¹ Esse discurso mais opinativo do vídeo é de um tom mais pessoal, característico de colunas de opinião que, segundo Daniel Piza (2004, p.79), nele o crítico fica com uma atitude mais “solta”, pois o que é postado é similar a um diário de opiniões, e como a coluna é uma constante, a continuidade de textos promove essa aproximação com o público.



XII SEMOC SEMANA DE
MOBILIZAÇÃO
CIENTÍFICA
SEGURANÇA: A PAZ É FRUTO DA JUSTIÇA



WIKIPÉDIA. A enciclopédia livre. Disponível em <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Veja>>. Acesso em 20 de maio de 2009.